

A ESTEPE E A GUERRA: PARA COMPREENDER A HISTÓRIA DA AGRESSIVIDADE NÓMADA, João Pedro Marques	271
CHÁ – A SOCIABILIZAÇÃO DA BEBIDA EM PORTUGAL: SÉCULOS XVI-XVIII, João Teles e Cunha.....	289
ENTRE BANDEL E COLÓNIA. O REGRESSO DOS PORTUGUESES A HUGLI, ca. 1632-1820, Jorge Manuel Flores.....	331
«COPIA DÉ LA LETTERA DEL CAPITANNO DÉ LA GRANDÉ ARMATA TURCHESCA TRANSLATATA IN GRECO». (Edição diplomática, crítica, tradução e comentário), António Manuel Lázaro, Vassilikí Krávari & Luís Filipe Thomaz	349
O MALOGRADO ESTABELECIMENTO OFICIAL DOS PORTUGUESES EM SUNDA, Luís Filipe F. R. Thomaz	381
BIBLIOGRAPHIE DES TRAVAUX DE JEAN AUBIN, Françoise Aubin	609
BIBLIOGRAPHIE DES TRAVAUX DE DENYS LOMBARD, Claudine Salmon	619

PREFÁCIO

Em Janeiro de 1998, a poucos dias de intervalo, vieram abalar-nos duas bem tristes notícias: primeiro a do falecimento de Denys Lombard, que embora doente havia alguns meses, se esperava recomposto a breve trecho; depois a de Jean Aubin, vitimado por doença súbita.

Foi para todos os amigos de um e de outro – e sobretudo para os de ambos, que eram muitos – um rude golpe, e para a república das letras uma pesada perda.

Não me entremeterei a descrever a vida nem a obra de um e outro, nem a tentar traçar-lhes o perfil intelectual e científico – até porque as respectivas viúvas tiveram a gentileza de preparar para este volume bibliografias exaustivas dos falecidos consortes, por onde se poderá avaliar da natureza e da multidão de temas que abarcaram. Embora assaz diferentes um do outro por muitos traços da sua psicologia, tinham em comum não só a vasta cultura como o pendor enciclopédico, que os levava a tentar escrever uma história sem fronteiras.

Jean Aubin começou a sua carreira de historiador como orientalista, especializado em história iraniana, com uma nítida predilecção pelo período da ocupação mongol dos séculos XIII e XIV; foi através de Ormuz que descobriu a importância da documentação portuguesa para a história persa, e que gradualmente se deixou escorregar para a história portuguesa. Os seus conhecimentos de húngaro, sueco, turco, persa e não sei quantas línguas mais, permitiram-lhe abordá-la com uma base documental até aí inédita. Tornou-se assim num dos grandes lusitanistas de França e num especialista do reinado de D. Manuel. Há anos que preparava uma monumental biografia do Venturoso, a que o seu

espírito irrequieto infligia contínuas metamorfoses, a ponto de a ter deixado, infelizmente, incompleta. Graças a um subsídio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, foi, contudo, possível ao Centro de História de Além-Mar, através da sua dedicada investigadora, Maria da Conceição Ferreira Flores, recuperar boa parte do seu manuscrito, num total de mais de seiscentas páginas; esperemos que, como o prometeu o Dr. António Coimbra Martins, um dos amigos de Aubin e colaborador deste volume, então director do Centro Cultural Calouste Gulbenkian em Paris, seja em breve possível dá-lo à estampa, como terceiro volume de *Le Latin et l'Astrolabe*, colectânea de estudos portugueses que Aubin começara a organizar em vida, de que dois volumes foram já publicados por aquela benemérita Fundação.

Denys Lombard, filho do conhecido medievista e islamólogo Maurice Lombard, que a morte também ceifou cedo – de quem herdou o gosto pelo estudo das redes comerciais e culturais – era também um poliglota. Se nunca resvalou tanto como Aubin para a história lusitana, lia bem o português e utilizava a nossa documentação como fonte para a história da Insulíndia, que após a da China se tornou na sua grande paixão. O seu pequeno livro sobre *A China Imperial* foi traduzido e editado em português – curiosamente, sem que o autor o soubesse, até ao momento em que um dos nossos investigadores lhe ofereceu um exemplar. É talvez graças a esse livrinho que Denys Lombard não é desconhecido do nosso grande público. Mas há que reconhecer que é a sua obra sobre a Indonésia a que mais marca, em particular essa curiosíssima história da «encruzilhada javanesa», escrita do presente para o passado, como se de uma escavação arqueológica se tratasse, que é sem dúvida a sua obra-prima. Aos lusitanistas deixou, pelo menos, um pequeno mas lúcido ensaio, em que compara *Os Lusíadas* à epopeia chinesa e à malaia.

Tive a sorte de ter sido discípulo de ambos os mestres que hoje aqui recordamos, ao tempo em que, graças a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, estudava em Paris; inútil será dizer quanto deles aprendi, não só de ciência feita como, sobretudo, da arte de fazer ciência, interrogando a História. Graças à sua constante atenção e à disponibilidade que sempre mostravam para comigo, pude não só continuar a colaborar com um e outro muito para além da minha estadia em França, como introduzir no seu convívio muitos dos alunos que ia tendo, e que assim se tornaram seus discípulos também.

É sobretudo por isso que a minha dívida para com a memória de Jean Aubin e Denys Lombard não é apenas pessoal, mas, digamos, institucional, o que justifica inteiramente que o Centro de História de Além-Mar chame a si a tarefa de lhes prestar a homenagem devida.

Denys Lombard prontificou-se, por mais de uma vez, a leccionar entre nós cursos intensivos, no quadro do ensino da História do Oceano Índico, dispondo-se também a ministrá-los em Macau, onde alguns dos nossos investigadores ensinavam ao tempo, no quadro de um mestrado em estudos luso-orientais. Muitos dos que preparavam teses sobre a expansão portuguesa na Ásia beneficiaram da sua ajuda e do seu conselho, quer aquando das visitas de Lombard ao nosso país ou a Macau, quer aquando das nossas visitas a Paris para fins de investigação.

A Jean Aubin não permitia já uma deficiência cardíaca viajar; de há muito que cessara de vir a Portugal, onde em 1973 o encontrara, em casa de dois antigos mestres que porfiaram por que o conhecesse, o Prof. Veríssimo Serrão e o saudoso Almirante Teixeira da Mota. Mas a sua casa no Anjou estava sempre aberta a todos, e muitos foram os investigadores do nosso Centro que, à ida ou à vinda de Paris, beneficiaram não só do seu apoio científico como da sua hospitalidade fidalga.

Ia já esta colectânea de estudos em adiantada gestação quando nos veio ainda surpreender um outro trágico evento: o falecimento de Elisabeth Eczet, investigadora do Centre National de la Recherche Scientifique e alma da biblioteca dos Instituts d'Asie do Collège de France, a que andou bastante tempo anexa a da École Française d'Extrême Orient. Todos os que lá trabalharam conheciam a sua infatigável disponibilidade para atender, orientar e ajudar, o seu insaciável gosto em ser útil e conceder a cada um as facilidades que na sua mão coubessem. A biblioteca do nosso Centro deve-lhe a oferta de diversas obras, que quando descobria existirem em duplicado nas bibliotecas que geria, logo pensava em lhe reservar. Justo é, portanto, que quede associada a esta homenagem aos dois mestres que, como ela, foram em Paris os anjos bons dos nossos investigadores.

Ao oferecer à sua memória esta colectânea de estudos, o Centro de História de Além-Mar não faz, portanto, mais do que saldar uma dívida de gratidão. A esta homenagem associam-se também, para além dos colaboradores actuais do volume, outros que, por razões da sua vida pessoal e profissional, não puderam enviar em tempo útil a colaboração que desejariam. Todos compreendemos, por experiência, essa situação;

assim compreendam eles também a do compilador da colectânea, impossibilitado de adiar indefinidamente a sua aparição...

Resta-me exprimir, tanto aos que colaboraram no volume, esperando pacientemente a sua aparição, como às entidades que patrocinaram a sua publicação, o nosso imenso reconhecimento. É, com efeito, graças aos generosos subsídios da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Oriente que é possível dar desde já esta colectânea à estampa. Bem hajam.

Esta obra é muito mais dos que para ela contribuíram do que minha; assistir-me-ia, por isso, o direito de a louvar, mesmo se louvor em causa própria é vitupério. Deixo essa tarefa ao leitor. Seja ele a ajuizar se os discípulos são dignos continuadores dos mestres que tiveram, e se valeu a pena que estes tivessem gasto com eles o tempo e as energias que gastaram.

Pessoalmente, quer-me parecer que sim.

E se assim é, eles não morreram: sobrevivem nos alunos que formaram.

LUÍS FILIPE F. R. THOMAZ

TÉMOIGNAGE

por

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Professeur honoraire de l'Université Nouvelle de Lisbonne

J'ai rencontré le Professeur Jean Aubin chez le Professeur Léon Bourdon, à l'Institut d'Études Portugaises de la Sorbonne, vers la fin des années 60, alors que j'y préparais un doctorat d'État. Nous nous sommes vus plusieurs fois au cours des années suivantes et, lorsqu'en 1983 j'ai assumé la direction du Centre Culturel Portugais de la Fondation Gulbenkian, avenue d'Iéna, nous avons eu des conversations qui se sont révélées fructueuses.

Ce fut l'occasion d'examiner ensemble la possibilité de créer à la VI^e section de l'École Pratique des Hautes Études, devenue École des Hautes Études en Sciences Sociales, un centre proposant des cours réguliers sur l'histoire du Portugal, d'abord voués aux XVI^e et XVII^e siècles, dans le cadre de thématique de l'expansion portugaise en Orient, à laquelle Jean Aubin consacrait ses recherches, mais pouvant également couvrir d'autres époques, conformément à des projets à définir et moyennant la possibilité d'inviter des spécialistes français et portugais, ou d'autres origines.

A la vérité, diplômé de l'EPHE, j'avais déjà tenté auprès du Professeur Jacques Le Goff, interlocuteur amical, et avec l'appui du Centre d'Études Pierre Francastel, attaché à l'École, la fondation d'un Centre similaire; mais c'était avant le changement de régime politique au Portugal, en 1974, et la Fondation Gulbenkian, contactée, ne se décidait pas à supporter les frais considérables engendrés par cette proposition. Après le 25 avril, et du fait que je dirigeais son Centre de Paris, le projet se présentait d'une façon autrement favorable, en 1984. Et surtout parce que Jean Aubin, titulaire d'une direction d'Études à la V^e section de l'EPHE, se disposait alors à passer à la VI^e section concernée par notre plan, y conservant ses honoraires ce qui permettait d'éviter des frais supplémentaires. Le Centre de la Fondation Gulbenkian pouvait offrir l'espace nécessaire aux cours et l'EPHE, disposait ailleurs d'un bureau qui leur serait attribué. Au minimum de frais engagés il fallait cependant ajouter ceux occasionnés par des conférenciers spécialement invités (voyages, honoraires, etc.). La somme nécessaire fut alors annuellement affectée dans le cadre du budget de la Fondation Gulbenkian, grâce à Monsieur José Blanco, administrateur de